

A única casa de cultura que saiu do papel vai mal

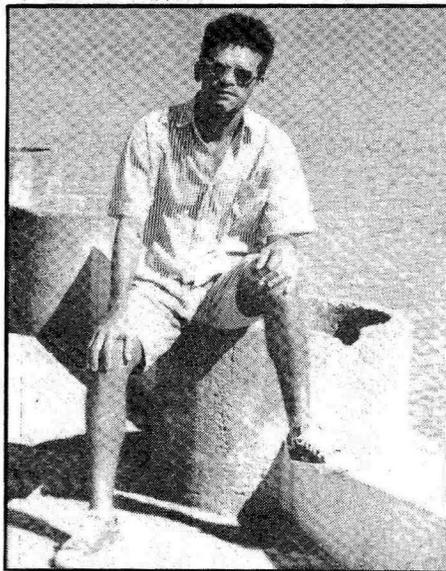
A única Casa da Cultura existente nas cidades-satélites é a do Guará. Lá falta até luz, e tudo tem de acontecer a custo zero, como as oficinas e ensaios de teatro, vernissagens, a Escola de Modelo e Manequim ou as aulas de capoeira. "O Guará não foge à regra. Não vemos nem a cor do dinheiro, apesar de sermos a segunda maior renda per capita do DF", comenta Sônia Dourado.

Em outras satélites, a falta até mesmo da estrutura física compromete toda a agitação cultural local. "Se houvesse espaços adequados, a demanda e o hábito culturais seriam muito maiores", acredita o artista plástico Glênio Lima, falando por Sobradinho. "Aqui é muito rico culturalmente, tem muitas bandas de rock e grupos folclóricos, além das artes plásticas produzidas aqui — que são famosas no DF inteiro. Mas por falta de um centro que reúna todas estas manifestações, fica tudo muito pulverizado", avalia o artista plástico.

Lima observa ainda que já existem alguns espaços que poderiam suprir temporariamente a falta de uma Casa

da Cultura em Sobradinho, como o teatro da administração regional ou as instalações do Pólo de Cinema e Vídeo do DF. "São elefantes brancos. Passam a maior parte do ano fechados, quando poderiam ser ocupados por oficinas e ensaios. As instalações do Pólo de Cinema são excelentes, não podem ficar trancadas enquanto esperam as poucas produções de cinema que aconteceram lá até agora", defende Lima.

Em Planaltina, o problema é o mesmo: "A cidade não passa um mês sem ter um espetáculo teatral novo, e o único espaço que temos é o auditório da administração regional, sem nenhuma infra-estrutura", comenta Oberdan Cardoso, coordenador do grupo que organiza anualmente a *Via-Sacra*. Ele lembra que Planaltina tem vocação natural para as artes cênicas e pelo artesanato, que seriam os maiores beneficiados pela construção de uma Casa da Cultura, mas sublinha outras demandas além de espaço físico: "Pela proximidade do Pólo de Cinema e Vídeo e por causa de encenações como a *Via-Sacra*, a Semana Santa e a Festa do Divino, queremos muito cur-



Galeno: "Brazlândia precisa do espaço"

sos de cenografia ou de confecção de figurinos. Temos muita mão-de-obra nestas áreas, mas não é especializada", observa Oberdan Cardoso.

Em Brazlândia, a ausência de espaços é crônica, como deixa claro o depoimento do artista plástico Galeno: "O primordial seria criar condições para as pessoas que produzem

arte em Brazlândia terem onde mostrar. A cidade, por existir antes de Brasília, tem uma longa tradição artística e cultural. Acho uma falta de respeito com a cidade nunca se ter falado em construir um espaço cultural. Eu vivo aqui há 30 anos e sinto isto na pele. Quem ensaia uma peça não tem lugar para mostrar. É difícil até encontrar local para ensaiar. Seu Quinca, que trabalha com artesanato e tem reconhecimento internacional, está esquecido. Quando Luiz Gonzaga se apresentou aqui, foi num circo. A cidade não tem nem cinema. O prioritário seria criar um espaço que servisse de museu, galeria de arte e teatro. Brazlândia está precisando deste espaço".

Projetos — Em algumas cidades-satélites, como Ceilândia ou Núcleo Bandeirante, as administrações já possuem projetos mais especificados para construção de espaços culturais. Em Ceilândia, a prioridade é o término das obras do Centro Cultural e Desportivo, localizado na QNM 21.

Na pauta de reivindicações dos artistas ceilandenses, estão reformas em cinco auditórios escolares, a constru-

ção de mais dois auditórios (para o setor O e o P Sul), o tombamento da barragem do Rio Descoberto como área de preservação ambiental e lazer, a criação de um salão de exposições na Biblioteca Pública, a criação de uma estação de rádio comunitária e até a instalação do Pólo Fonográfico do DF naquela cidade-satélite. "Projetos nós temos, só faltam os recursos", comenta José Eudes Bezerra, presidente do Conselho de Cultura de Ceilândia.

Também não faltam projetos no Núcleo Bandeirante. O único espaço disponível atualmente é o Salão Comunitário da administração regional, utilizado geralmente para bailes e shows. Além de espaços como salas de ensaios, cinema e galeria de arte, a Divisão de Cultura tem como maior ambição a construção da Rua Cidade Livre. Formada por barracos no estilo dos levantados pelos pioneiros no início da construção de Brasília, o projeto prevê espaços para o Museu do Núcleo Bandeirante (único já construído) e para venda de artesanato. "Temos de resgatar a história da cidade", diz Volmir Batista da Silva, diretor da DRC do Núcleo Bandeirante.